

Região e regionalização: um estudo da formação regional da Zona da Mata de Minas Gerais.

Ricardo Zimbrão Affonso de Paula.

Doutor em Economia Aplicada pelo Instituto de Economia da UNICAMP

Resumo: Este estudo tem por objetivo analisar o processo histórico da formação da Zona da Mata mineira e a constituição de sua identidade regional no correr do século XIX; ou seja, pretendemos responder a questão de que como aquela região passou a se configurar como um espaço delimitado e diferenciado no contexto econômico e social de Minas Gerais ao longo dos oitocentos.

Palavras-chave: Região – História Regional – Economia – Brasil – Minas Gerais – Zona da Mata.

Abstract: The objective this study is analyze the historical regional formation processes of Zona da Mata mineira in the nineteenth century. We pretender answer the question of with that region started a space delimited configuration in the context social and economic of Minas Gerais in the course of nineteenth century.

Key-word: Region – Regional History – Economy – Brazil – Minas Gerais – Zona da Mata.

Este estudo tem por objetivo analisar o processo histórico da formação da Zona da Mata mineira e a constituição de sua identidade regional no correr do século XIX; ou seja, pretendemos responder a questão de que como aquela região passou a se configurar como um espaço delimitado e diferenciado no contexto econômico e social de Minas Gerais ao longo dos oitocentos.

Estudos que versam sobre a região tendem a afirmar que sua constituição remonta ao período colonial, como é o caso de Carrara¹; ou tomam-na como dada, ignorando seu processo histórico de formação regional e até mesmo afirmando que tal delimitação constituiu obstáculos ao desenvolvimento da economia cafeeira – vide Lima e Lana². Poucos são os estudos que visualizam o papel da cafeicultura como fator importante para a constituição e delimitação específica daquele espaço regional³.

Antes de mais, adiantamos que, a nosso ver, existe uma relação direta entre a expansão da cafeicultura em direção à Minas Gerais e o processo histórico de formação e identidade regional da Zona da Mata mineira no correr do século XIX. Contudo para fundamentar nosso argumento, discutiremos a definição de “região” para podermos assim, contextualizar o processo histórico daquela formação regional.

Região: uma definição.

Existem várias definições para o conceito de **região**, além da definição geográfica natural, de determinação naturalista e identificada a já ultrapassada geografia tradicional. Nosso critério definidor aqui está voltado para o âmbito da articulação entre a História, a Geografia e as Ciências Sociais, agregando ao espaço natural, o espaço econômico, o espaço político, o espaço cultural e o processo histórico com o qual a **região** como uma

¹ ÂNGELO ALVES CARRARA. *Estruturas agrárias e capitalismo; contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na Zona da Mata mineira – séculos XVIII e XIX*. Mariana: UFOP, 1999.

² JOÃO HERALDO LIMA. *Café e indústria em Minas Gerais – 1870/1920*. Petrópolis: Vozes, 1981. ANA LÚCIA DUARTE LANA. *A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata mineira – 1870/1920*. Campinas: UNICAMP, 1988.

³ Ver principalmente: ANDERSON PIRES. *Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930*. (Mestrado). ICHF/UFF. 1993. ANDERSON PIRES. *Café, finanças e bancos: uma análise do sistema financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais – 1889/1930*. (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

categoria espacial expressa uma especificidade, uma singularidade, dentro de uma totalidade, configurando um espaço particular dentro de uma determinada organização social mais ampla com a qual se articula. Ao partirmos desse pressuposto estamos dialogando com as definições expostas pela chamada “Geografia Crítica”, bem como o enfoque marxista sobre o tema.

Todavia, temos ciência que não há um critério exclusivo para definir **região**; se a homogeneidade – produção econômica, identidade cultural etc., – constitui um fator importante, este não é o único; pois, há também o fator heterogeneidade – cujo caso mais nítido, é própria formação regional mineira – que constituiu-se numa unidade político-administrativa, mas não econômica. Em segundo lugar, há o problema do anacronismo; isto é, a partir da delimitação regional do presente constituir o mesmo num passado remoto. Porém, se esta estiver vinculada à evidências coevas, pode-se relevar, mesmo que o espaço passado esteja animado por problemas presentes⁴. Por fim, há que se acrescentar a dinamicidade do conceito **região**. Um exemplo disso, é a própria Zona da Mata, que no final do século XIX, detinha uma determinada rede urbana e, atualmente é uma macrorregião subdividida em várias microrregiões, dentro do contexto do processo de urbanização que se configurou no Brasil ao longo do século XX⁵, em que a Mata tornou-se várias Matas.

Neste sentido a caracterização da **região** vai depender do objetivo que norteia a segmentação. Ou seja, definir quais os critérios que permitem identificar um determinado espaço específico. É dentro desse contexto que vamos pensar a formação da Zona da Mata mineira nos oitocentos.

A nosso ver, como já assinalamos anteriormente, o critério fundamental que delimita a Zona da Mata como um espaço regionalizado específico, neste caso, é a

⁴ ALEXANDRE MENDES CUNHA; RODRIGO FERREIRA SIMÕES & JOÃO ANTÔNIO DE PAULA. Regionalização e História: uma contribuição introdutória ao debate teórico-metodológico. In: *Texto para discussão n. 260*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2005. pg., 6.

⁵ Neste sentido, não estamos aqui defendendo a posição dos geoeconomistas neoclássicos da década de 1930, os quais definiam “região” num contexto da **teoria do lugar central**. Contudo, a rede de cidades e sua influência em seu entorno é fator importante na classificação regional do IBGE. Sobre esta teoria, seus formuladores foram: WALTER CHRISTALLER (geógrafo) e AUGUST LOSCH (economista). Um balanço das vertentes que discutem o tema “região”, ver: ÁUREA CORRÊA DE MIRANDA BREITBACH. *Estudo sobre o conceito de região*. Porto Alegre: FEE, 1988. Também: ALEXANDRE MENDES CUNHA; RODRIGO FERREIRA SIMÕES & JOÃO ANTÔNIO DE PAULA. Regionalização e História: uma contribuição introdutória ao debate teórico-metodológico. Op.cit..

produção econômica. É a economia cafeeira que ao penetrar em Minas, aos poucos vai conformando uma região diferenciada no contexto econômico e social das Gerais. O que queremos dizer com isso, é que não se pode falar em Zona da Mata antes da década de 1870. É justamente a articulação entre a dinâmica cafeeira e a modernização dos transportes, com a chegada das ferrovias, que proporciona a expansão do café além dos limítrofes com o Rio de Janeiro. Ou seja, a Zona da Mata enquanto região delimitada no mapa, seja no início do século XX, seja na atual regionalização de Minas Gerais, feitas pelo IBGE, bem como os órgãos do governo estadual, foi constituída como tal, a partir do momento em que a cafeicultura se expandiu para o norte e leste da área pioneira. Voltaremos a esta discussão mais a frente.

Assim, há que se desmistificar a proposição de autores como J. H. Lima entre outros de que a cafeicultura mineira se deu num espaço de fronteira fechada. É justamente o contrário, foi a cafeicultura que, ao se expandir em direção à Minas Gerais foi constituindo um espaço específico naquele contexto econômico e social.

Os estudos sobre regionalização mineira nos séculos XVIII e XIX, tendem a utilizar as divisões atuais ou àquelas definidas ao longo do século XX, como base de suas análises. É o caso dos estudos de Douglas Libby, Clotilde Paiva, Marcelo Magalhães Godoy etc.⁶. Como já assinalamos, a questão de se utilizar a configuração regional do presente, deixa de ser anacrônica, se escudadas em evidências coevas. No entanto, não é o caso destes autores citados. Na verdade, seu propósito de visualizar a distribuição da produção econômica em Minas Gerais no passado, mistura referências da divisão regional presente, com a distribuição das comarcas e distritos de paz do início do século XIX, o que deixa de ser permissível. Particularmente nos estudos de Paiva e Godoy fica claro a tentativa dessa interrelação. Isto posto, a regionalização que propõem para a primeira metade dos oitocentos passa a ser discutível, pois o critério de segmentação irreleva justamente o processo histórico de constituição e delimitação daqueles espaços regionais. A nosso ver, os autores poderiam perfeitamente discutir a produção econômica e demográfica das regiões

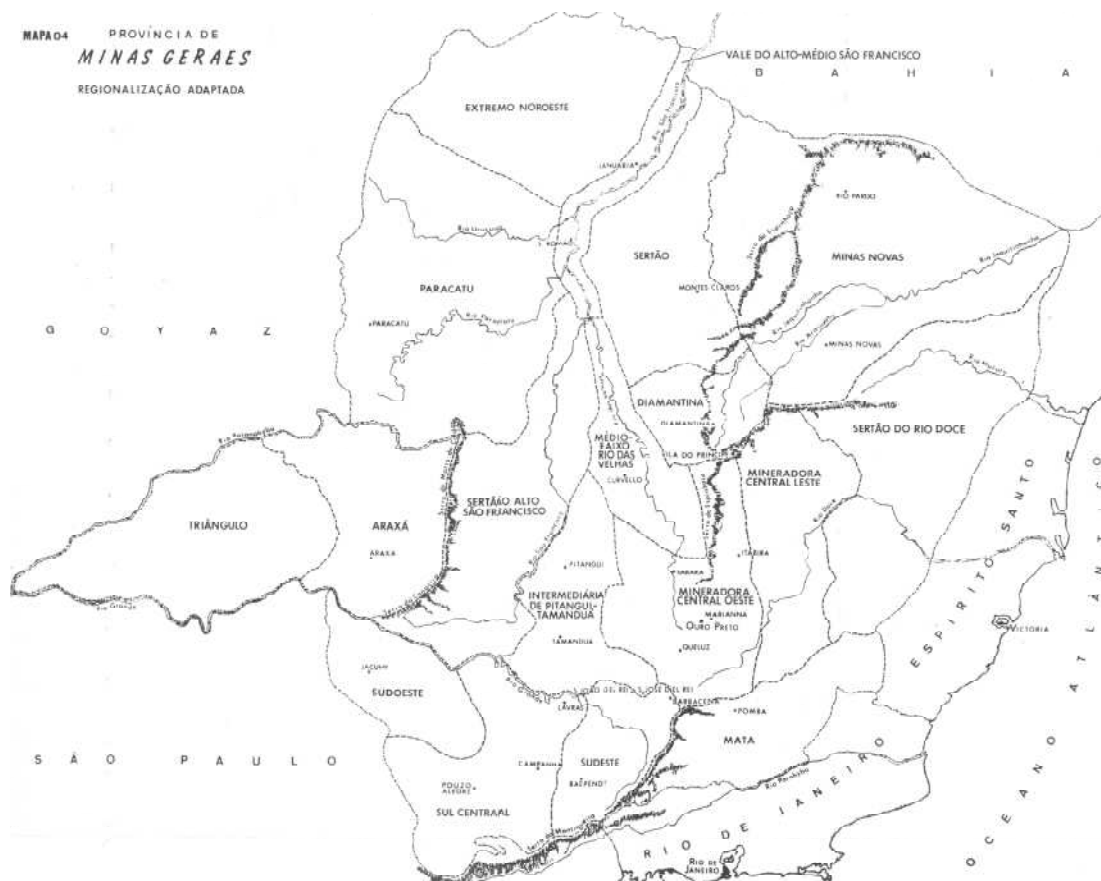
⁶ DOUGLAS COLE LIBBY. *Transformação e trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988. CLOTILDE ANDRADE PAIVA. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1996. MARCELO MAGALHÃES GODOY. *No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio. Um estudo das atividades agroaçucareiras tradicionais mineiras, entre o setecentos e o novecentos, e do complexo mercantil da província de Minas Gerais*. (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

mineiras a partir da configuração atual no século XIX; porém, ao afirmarem que tal regionalização já havia sido configurada na primeira metade dos oitocentos, desconsideram o processo histórico daquelas formações⁷. Ademais, a própria delimitação temporal destes estudos – a primeira metade do século XIX – não permite a interface com a formação regional estabelecida no século XX, pois é justamente, naquele período em que o movimento centrífugo das regiões mineradoras para o *hinterland* que se inicia no final do século XVIII, está maturando-se; sendo momento crucial para a própria constituição dos espaços regionais futuros. Um exemplo equivocado desta distribuição regional é o mapa abaixo.

⁷ CLOTILDE ANDRADE PAIVA. Op.cit. MARCELO MAGALHÃES GODOY. Op.cit. Também: MARCELO MAGALHÃES GODOY. Intrépidos viajantes e a construção do espaço: uma proposta de regionalização para as Minas Gerais do século XIX. In: *Texto para discussão n. 109*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1996.

MAPA 1

REGIONALIZAÇÃO DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX, ADAPATADA POR CLOTILDE ANDRADE PAIVA.



FONTE: CLOTILDE ANDRADE PAIVA. *População e economia nas Minas Geraes do século XIX*. (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

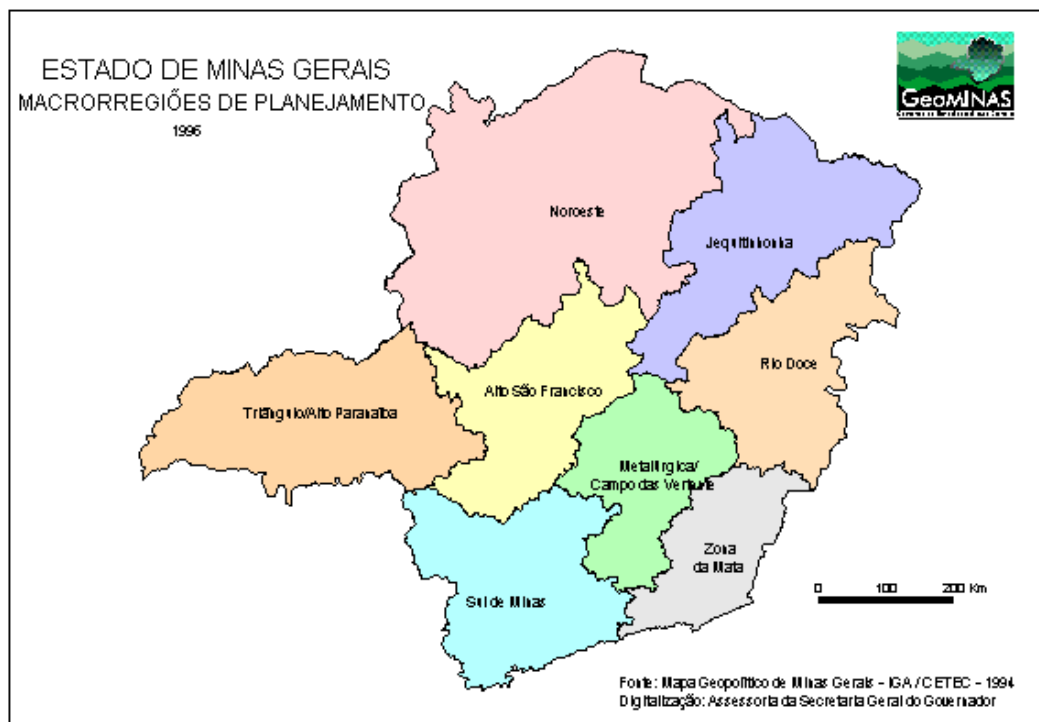
De acordo com o mapa acima, vemos a configuração da Zona da Mata como foi estabelecida no final do século XIX, quando o café já alcançava os municípios de Manhumirim, Carangola, bem além de Muriaé. Tal configuração espacial não existia antes da década de 1870. Neste sentido, a distribuição regional feita por Paiva é anacrônica, não levando em consideração os processos históricos das formações regionais. A autora em seu estudo toma como dada àquela configuração regional já no início do século XIX⁸.

Um outro estudo que analisa a regionalização mineira é o de J. Wirth. Este estudo, utilizando fontes do governo estadual, parte de uma regionalização do estado, nos anos iniciais da República, o qual delimitava-o em sete grandes regiões econômicas – Norte, Sul, Leste, Oeste, Central, Mata e Triângulo⁹. Seu principal propósito é defender acertadamente a tese de que Minas Gerais constituía-se num grande **mosaico**; isto é, um estado dotado de várias regiões sem articulação econômica, mas interligadas por uma unidade político-administrativa. Assim, sua metodologia foi identificar como que o Estado via sua distribuição produtiva naquele momento e, como isso impactava as relações entre frações das classes dominantes mineiras, no período da Primeira República. É importante ressaltar que, desta regionalização estabelecida nos anos iniciais da Primeira República, é que vão se escudar o Departamento Estatístico de Minas Gerais, a Secretaria Estadual de Planejamento e o IBGE, ao longo do século XX, para definir e redefinir a configuração regional do estado. Temos plena consciência que o critério definidor destes órgãos para a regionalização é o fator econômico. Isso quer dizer que eles irrelavam outros fatores, tais como culturais, sociais etc. Desta forma, o critério pode ter validade ou não para uma determinada região. No caso da Zona da Mata mineira, como estamos observando, tal fator foi importante para a delimitação regional e identidade de suas elites. Isto não quer dizer que, para outras regiões mineiras, o critério deverá ser o mesmo.

Atualmente, a regionalização mineira, é, de acordo com o IBGE e os órgãos de planejamento do Estado de Minas Gerais, da seguinte forma:

⁸ Ver CLOTILDE PAIVA. Op.cit..

⁹ JOHN WIRTH. *O fiel da balança: Minas Gerais na confederação brasileira – 1889/1937*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982, pg., 41.

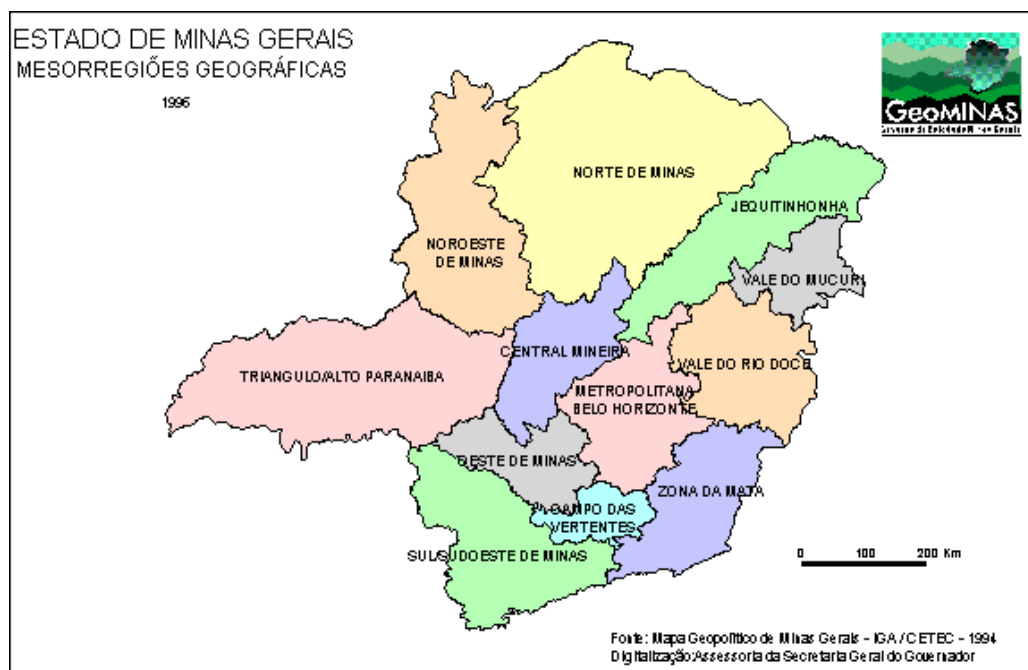
MAPA 2**MACRORREGIÕES DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE MINAS GERAIS.**

FONTE: Secretaria Geral do Governador do Estado de Minas Gerais.

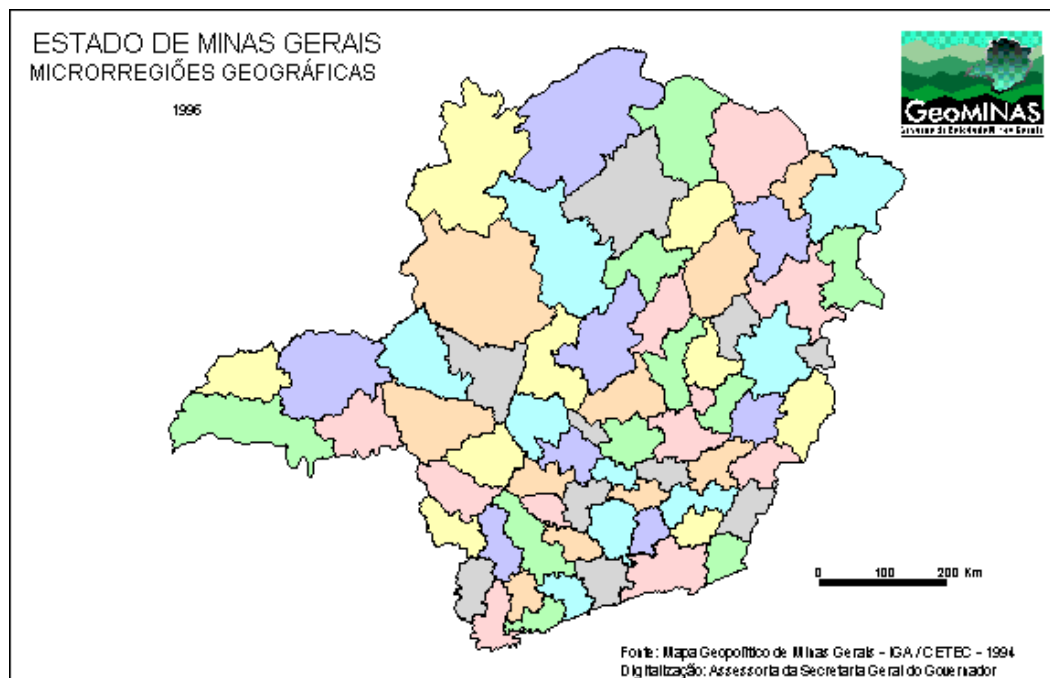
De acordo com o mapa acima, tal divisão macrorregional atual é bem semelhante a que se definia a configuração regional mineira entre o final do século XIX e início do século XX, apontada por Wirth. A diferença é que o Alto Paranaíba, denominava-se Oeste; já o Rio Doce e o Jequitinhonha faziam parte da região Leste.

MAPA 3

MINAS GERAIS: MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS



FONTE: Secretaria Geral do Governador do Estado de Minas Gerais.

MAPA 4**MINAS GERAIS: MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS**

FONTE: Secretaria Geral do Governador do Estado de Minas Gerais.

Em resumo, nosso objetivo ao definir o conceito de região, é mostrar, acima de tudo que, no caso, da Zona da Mata, seu critério fundamental foi a produção econômica, que a distinguiu como um espaço diferenciado e delimitado no contexto mineiro, e que sua formação está vinculada à expansão da cultura cafeeira em Minas Gerais. Vejamos a seguir com mais detalhe a formação regional da Zona da Mata.

A formação regional da Zona da Mata mineira.

Como é sabido, o desenvolvimento da cafeicultura na Zona da Mata mineira está ligada à expansão da atividade cafeeira no Brasil, que toma corpo a partir do estímulo do Regente português no início do século XIX. Desta forma a rubiácea passou a ser plantada abundantemente na província do Rio de Janeiro, que tornou-se principal produtor mundial no período que se estende ao longo da segunda metade do século XIX.

Isto posto, à medida que o preço do produto eleva-se ainda na primeira metade do século XIX, o café passa a penetrar na província mineira, via o **Caminho Novo**, estabelecendo-se nos vales dos rios Pomba e Paraibuna. Além do fator demanda, há também que incluir a disponibilidade de terras férteis naquela região e, os recursos advindos da decadência aurífera, sejam vinculados diretamente a atividade mineradora, sejam através da produção mercantil de alimentos, particularmente, aquela estabelecida na Serra da Mantiqueira, região próxima da Mata, que abastecia as minas ao longo do século XVIII¹⁰. Trocando em miúdos, no contexto do início do século XIX, dada a conjuntura favorável dos preços, a cafeicultura se colocava como atividade econômica mais atrativa para a aplicação dos recursos originados no *ciclo do ouro*¹¹.

Assim, o café penetra em Minas Gerais. A princípio, a cultura vai se estabelecer na área limítrofe com a província do Rio de Janeiro, numa área que engloba os municípios de Juiz de Fora, Matias Barbosa, Mar de Espanha, Além Paraíba etc, devido a facilidade de escoar a produção até o porto, por meio de tropas de mula. Posteriormente, a partir das décadas de 1860/1870, com a modernização do sistema de transporte – rodovia e ferrovia –

¹⁰ Sobre a ocupação da Zona da Mata consultar: ORLANDO VALVERDE. Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: 20(1), 3-32, jan/mar., 1958. Sobre os capitais que formaram a cafeicultura da Zona da Mata consultar: MÔNICA RIBEIRO DE OLIVEIRA. *Negócios de famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira – 1780/1870*. (Doutorado). Niterói: IFCH/UFF, 1999. Também RITA DE CÁSSIA DA SILVA ALMICO. *Fortunas em movimento: um estudo sobre as transformações na riqueza pessoal em Juiz de Fora – 1870/1914*. (Mestrado). Campinas: IE/UNICAMP, 2001.

¹¹ ANDERSON PIRES. *Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930*. op.cit..

a atividade cafeeira se expande em direção ao norte e a leste da área pioneira, configurando, assim, um espaço regional delimitado e diferenciado – a Zona da Mata¹².

De acordo com Manuel Pedrosa, (...) *Esta zona é por motivos a que, no processo geral de desenvolvimento social e econômico de Minas Gerais, se processou em último lugar. Ela surge com o século XIX, do qual reflete todas as suas características. O liberalismo, a iniciativa privada, a crença no progresso material trazida pela máquina a vapor e pela eletricidade, o ecletismo do estilo arquitetônico e outras manifestações de uma mentalidade com tendência a romper com o estabelecido até o fim da centúria anterior. (...) A Zona da Mata é uma ruptura com o passado histórico de Minas Gerais (...)*¹³.

Desta feita, se no correr do século XIX, Minas Gerais configurou-se numa unidade político-administrativa com contornos delimitados, a sua geografia econômica constituiu-se na soma de diversas regiões com características sociais e econômicas significativamente diferenciadas e pouco integradas entre si. Tal característica, foi apropriadamente denominada de **mosaico mineiro** por Wirth. Segundo ele, cada região mineira se desenvolveu *numa linha diferente de tempo, dando ao estado uma longa história de crescimentos desarticulados e descontínuos*¹⁴, em que estas articulavam muito mais com outras unidades do país com as quais possuíam vizinhança do que com a unidade política que integravam¹⁵.

Posto isto, é assim que a Zona da Mata mineira vai se constituindo como região específica. Isto é, na esteira da expansão cafeeira do Vale do Paraíba que ultrapassa a fronteira de Minas Gerais. À medida que a economia cafeeira cresce em produção e comercialização, seus efeitos multiplicadores, tais como modernização dos transportes – rodovia e ferrovia, expansão do capital mercantil e urbanização – constituem fatores importantes para a sua própria reprodução. A nosso ver, o processo de constituição regional da Mata passou pela modernização do transporte, tendo dois momentos distintos. O primeiro, a partir da década de 1860, com a inauguração da Rodovia União & Indústria,

¹² Sobre a expansão da cafeicultura para o interior da Zona da Mata, consultar: Ibid. DOMINGOS GIROLETTI. *Industrialização de Juiz de Fora – 1850/1930*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.

¹³ Cf., MANUEL X. DE VASCONCELOS PEDROSA. *Zona silenciosa da historiografia mineira – a Zona da Mata*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – IHGMG*. Belo Horizonte: vol., IX, 1962, pg., 189.

¹⁴ Cf., JOHN WIRTH. Op.cit. pg., 41.

¹⁵ Ibid.

construída com capitais advindos do setor cafeeiro, a cidade de Juiz de Fora se transforma no principal entreposto comercial e centro armazenador do café produzido naquele espaço regional em formação. Também, a partir daquele momento, se consolida, a economia cafeeira nos municípios que vão constituir o sul da região, identificados pelas cidades de Matias Barbosa, Juiz de Fora, Mar de Espanha, Além Paraíba, Leopoldina, Cataguases entre outros. A expansão cafeeira deste primeiro momento é reflexa da continuidade da expansão fluminense, atrelando à atividade mineira ao Rio de Janeiro – principalmente em termos de demanda por capital.

O segundo, a partir da segunda metade da década de 1870, com a chegada das ferrovias, a expansão cafeeira se estende para norte e leste dos municípios pioneiros, compreendendo os municípios de Muriaé, Ponte Nova, Carangola, Manhuaçu entre outros, consolidando, desta forma, um espaço diferenciado no contexto econômico mineiro. Ademais, é importante ressaltar que, nas décadas de 1880 e 1890, inicia-se a expansão cafeeira na região sul de Minas Gerais, principalmente, nos municípios, próximo à fronteira com São Paulo. É dentro desse contexto que surge a diferenciação, entre o café produzido na Mata e o produzido no Sul, pois formações regionais totalmente distintas, onde a expansão cafeeira do Sul estava ligada à dinâmica da economia agroexportadora paulista. Neste segundo momento, particularmente, a partir da década de 1880, a cafeicultura da Mata se desprende da economia cafeeira fluminense, momento importante proporcionado pela criação de um mercado regional de capitais, além do desenvolvimento do setor industrial e acelerada urbanização. Tal identidade é fruto da constituição de uma rede de cidades, unidades de produção, ligadas a um centro de comercialização, escoação e financiamento os quais consubstanciam não só uma integração econômica, bem como produz elites econômica, política e cultural identificadas com àquela região.

Em suma, o que queremos afirmar é que foi a produção econômica que configurou a Zona da Mata mineira como espaço regionalizado no quadro econômico e social de Minas Gerais.

Fontes

Censos Econômicos. IBGE.

Secretaria Geral do Governador do Estado de Minas Gerais.

Bibliografia

- ALMICO, Rita de Cássia da Silva. *Fortunas em movimento: um estudo sobre as transformações na riqueza pessoal em Juiz de Fora – 1870/1914*. (Mestrado). Campinas: IE/UNICAMP, 2001.
- BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. *Estudo sobre o conceito de região*. Porto Alegre: FEE, 1988.
- CARRARA, Ângelo Alves. *Estruturas agrárias e capitalismo; contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na Zona da Mata mineira – séculos XVIII e XIX*. Mariana: UFOP, 1999.
- CUNHA, Alexandre Mendes; SIMÕES, Rodrigo Ferreira & PAULA, João Antônio de. Regionalização e História: uma contribuição introdutória ao debate teórico-metodológico. In: *Texto para discussão n. 260*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2005.
- GIROLETTI, Domingos. *Industrialização de Juiz de Fora – 1850/1930*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.
- GODOY, Marcelo Magalhães. Intrépidos viajantes e a construção do espaço: uma proposta de regionalização para as Minas Gerais do século XIX. In: *Texto para discussão n. 109*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1996.
- GODOY, Marcelo Magalhães. *No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio. Um estudo das atividades agroaçucareiras tradicionais mineiras, entre o setecentos e o novecentos, e do complexo mercantil da província de Minas Gerais*. (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.
- LANA, Ana Lúcia Duarte. *A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata mineira – 1870/1920*. Campinas: UNICAMP, 1988.
- LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LIMA, João Heraldo. *Café e indústria em Minas Gerais – 1870/1920*. Petrópolis: Vozes, 1981.

- OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Negócios de famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira – 1780/1870*. (Doutorado). Niterói: IFCH/UFF, 1999.
- PAIVA, Clotilde Andrade. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1996.
- PEDROSA, Manuel X. de Vasconcelos. Zona silenciosa da historiografia mineira – a Zona da Mata. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – IHGMG*. Belo Horizonte: vol., IX, 1962.
- PIRES, Anderson. *Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930*. (Mestrado). ICHF/UFF. 1993.
- PIRES, Anderson. *Café, finanças e bancos: uma análise do sistema financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais – 1889/1930*. (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.
- VALVERDE, Orlando. Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: 20(1), 3-32, jan/mar., 1958.
- WIRTH, John. *O fiel da balança: Minas Gerais na confederação brasileira – 1889/1937*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982.